

## **Reconstruindo a bússola na pós-modernidade**

Fernanda Verdasca Botton<sup>1</sup>

Resenha de:

**Para cima e não para o norte.** Patrícia Portela. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

*There's no place like home.* Proferida em **O maravilhoso mágico de Oz** (1910) por Dorothy, a frase anterior é repetida por várias vezes ao final da história de **Para cima e não para o norte** (2008) pelo Homem Plano. E, se no livro de L. Frank Baum (1856 – 1919) a frase representa o retorno da menina de sapatos vermelhos a um mundo conhecido; no de Patrícia Portela (1974 -) ela nos remete a uma literatura que trabalha com a junção entre a cultura escrita e a audiovisual, com a hiper-realidade e a desreferencialização do homem – ou seja – a um mundo distante do confortável lar de uma literatura prosaica.

Formada em cenografia e artes visuais, premiada no teatro com espetáculos multimídias, Patrícia Portela caminha pelos tijolos do que Marshall Berman (1940 – 2013) designa como o pós-modernismo afirmativo da pop arte-americana. Na história da autora portuguesa, a literatura se alia ao entretenimento comercializado de um *Puzzle* de James Bond, de musicais da Broadway com suas dançarinas, de livros que, ao virar das páginas, trazem mulheres que se movem em experimentos fotográficos do final do século XIX. Ainda como expressão da pós-modernidade, a autora traz a seu livro uma imensa variedade da riqueza das coisas que o mundo atual nos oferece e atribui à literatura a função de experimentar tipos gráficos, desenhos e até sons que rompem o limite das especializações cabíveis a um livro.

O enredo tem como linha principal a existência de um Homem Plano que descobre necessitar do olhar do homem 3D para existir e, então, decide ir contra as regras passando para o mundo que o lê. “Eu penso, eu sinto, eu grito e até me revolto, mas eu não existo! Até que um dia, depois de muitas noites, decido ficar para sempre no mundo Espacial, deixando para sempre a minha existência plana. Agarro na minha última

---

<sup>1</sup> Professora da Fatec. Doutora, Mestre e graduada pela USP. Autora do livro **A lira assassina de Orfeu – Bernardo Santareno e os intertextos de O inferno** e organizadora da Coleção *Teatro em língua portuguesa* da Editora Todas as Musas.

mala cheia de letras e atiro-me. Espalho-me pelo universo.” (p. 166) Destruindo as fronteiras entre realidade e fantasia, o narrador, que é o próprio homem bidimensional, interage com o leitor 3D e, em uma tentativa de explicar-lhe o que lhe aconteceu durante a insurreição contra o sistema, começa a discutir as incertezas e angústias de homens que vagam pelo(s) mundo(s) sem saber exatamente o que procuram.

Na narrativa alinear, coragem, cérebro, coração e descobrir-se no seu lar passam a ser metas que podem ser contestadas. Pela estrada de tijolos-letras o homem (Plano e 3D) precisa repensar e reelaborar o enredo de todos que estavam às margens da sociedade. Na narrativa pós-moderna, o homem plano invade espaços reais e acontecimentos históricos adentram a ficção bidimensional. Em um teatro, a “Síndrome de Estocolmo” ocorre, o amor das vítimas pelos seus algozes desreferencializa o(s) mundo(s) e a autora se utiliza de reportagens para nos questionar: O que é ser algoz? O que é ser vítima? Quem é que faz a realidade em que vivemos? Qual é essa realidade?

Para ler **Para cima e não para o norte** é necessário, portanto, abirmos a mente e ouvirmos uma paródica esfinge, que, por meio das palavras de Patrícia Portela, refaz a escrita desde Euclides (III séc. a.C.) a Edwin Abbott (1838 – 1926) dizendo-nos: “A dificuldade nunca foi ler, sempre foi decifrar” (p. 44).

Decifre-a e, de maneira pós-moderna, seja devorado devorando a boa leitura!